



Visado pela
Comissão de Censura

Gaíato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano 12.º — N.º 310 — Preço 1\$00

UMA CONSAGRAÇÃO

Aos que nos amam. Aos que nos odeiam. A todos e por toda a parte, damos a saber que faz hoje 16 anos que a «Obra da Rua» nasceu e logo foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus. Tal Consagração tem abatido sérias dificuldades, produzido as maiores espectações e não obstante, tudo é normal. Tal como os apóstolos da Ressurreição, falando ao povo dos prodígios que faziam, assim também nós hoje, pelo mesmo princípio e dentro da mesma lógica, podemos e devemos afirmar: «O povo de Israel, ficai sabendo que é tudo em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes.»

Desta sorte e com esta suprema convicção, é que os meus sucessores se hão-de apresentar diante das autoridades e dos homens em geral, sempre que haja necessidade de lhes contar o que está feito ou de lhes pedir auxílio para fazerem mais.

CALVÁRIO

Fui hoje testemunha de cinco sentidos da primeira cornija da capela e da primeira pedra para a primeira residência dos inválidos. Eram dois pedreiros e mais ninguém; Júlio Couto, de Beire e Ernesto Moreira, de Santa Marinha de Lodares. Que sim, disseram, quando lhes perguntei se tinham família. Outra vez pergunto e eles responderam sim senhor; *somos amigos e estimamos muito as nossas mulheres.* Nesta altura falei. Fiz ali a promessa e no dia seguinte cumprí. Daquela dúzia de chalets que nos deram em Gaia, entreguei um a cada pedreiro tendo ouvido a explosão na boca de um deles, o de Santa Marinha de Lodares: *Ai que a minha mulher andava mortinha por um!* Ontem ao lançar a pedra primeira, eramos três. Hoje ao entregar as prendas, eramos três. Assim se festejam as grandes ocasiões! De resto, o que sobremaneira interessa, é fazer a cama aos primeiros Inválidos. Que eles venham depressa a pôr as mãos, porque sem elas erguidas esta classe de obras não pode andar. A oração deles é mesmo a condição. Não se lhes exige nada. Eles não podem. São indigentes e é justamente por isso que tudo fornecem à obra. O sustento, as construções, o vestuário, os remédios. Tudo isto procede daquele seu precisar e do nosso não exigir. Parece estranho e não; isto é normal. É preciso compreender e acreditar

que pela força desta verdade e oração dos doentes *tudo* é possível e sem ela *nada* do que pretendesemos o seria. Estes dois advérbios têm aqui força de verbo.

Leio aqui numa Revista Estrangeira que acaba de se fundar em Roma um colégio para rapazes comunistas e na mesma se lê doutros noutras terras, alguns deles com o nome de Universidade. Trata-se de uma doutrina, mas de maneira nenhuma a Doutrina. Pensa-se que o Evangelho faliu quando na verdade os cristãos é que falharam. Procura-se assentar o novo conceito de vida sobre um nível alto, produzido pela ciência, pela técnica, (Continua na segunda página)

Longe do Amor de Cristo

Os gatunos de alto coturno cruzam as ruas em liberdade. O mesmo se poderá dizer dos loucos. Os mais extravagantes e insensatos andam fora dos manicómios. Os jornais noticiaram há pouco o caso de uma senhora de Joanesburgo, na África do Sul, que mandou vir um cão de França. Ao chegar àquele país, ficou por semanas num canil da Alfândega de Durban. Era preciso ver se o animal era portador de raiva. Exigia-o a saúde pública. Aconteceu, entretanto, que enquanto o cão esteve retido, a dona veio diariamente visitá-lo, tendo gasto em viagens 500 libras esterlinas. Tal esbanjamento constitui uma afronta às classes necessitadas. É tripudiar sobre tantos e tantos que estão a morrer à fome. *Não é bom, diz o Evangelho, tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães.* Não assiste ao homem o direito de abusar dos bens da terra. O rico é mais dispenseiro que possuidor, diz-nos S. Pedro Damiano. Os que pensam só em enriquecer e gozar, meditem nestas palavras de condenação: *vivem em delícias sobre a terra, entregues aos prazeres, a engordar para o dia da* (Continua na segunda página)

CHEGADOS que somos ao fim do ano, é tempo de darmos a saber aos leitores que se entregaram em várias terras do país, duzentas e cinquenta e duas moradias a indigentes. Se a este número juntarmos duzentas e setenta e três delas, que se ergueram desde o início, Setembro de 1951, temos um total de 525 residências no curto prazo de quatro anos! Tirante a conta de seiscentos contos que nos vieram do Terreiro do Paço, tudo o mais é oferta de particulares. E estamos no início. Início porque há pouco se começou. Início porque há muito que fazer. Início porque somente agora se começa a despertar. É um nascimento. Sendo assim e daqui ninguém pode fugir, não se dê por desobrigado aquele que já concorreu; sobretudo no que toca a empresas, industrias, bancos, companhias. Onde quer que haja um dividendo em distribui-

Património dos Pobres

ção, esteja presente o Património dos Pobres e receba consoante os lucros. Declarar como alguns têm feito, *esta companhia não tem verbas para beneficência*, constitui uma blasfémia que não admite ignorância nem parvidade de matéria. Vistas as coisas à luz da Fé Divina, é uma declaração de guerra à cruz. Sob o ponto de vista social é uma revolta do rico contra o pobre!

Temos aqui sobre a mesa um apelo dos alunos do Colégio de S. Gonçalo em Amarante. Um grupo destes jovens, começou por se juntar e distribuir visitas, falas e alguma coisa mais pelos pobres da vila; e ora dizem, *sonhamos mais e melhor.* Enquanto descrevem o estado e condições de uma família da terra, propõem-se arranjar dinheiro para construir uma casa à qual que-

rem chamar a *Nossa Casa*. A circular que veio ter às minhas mãos, é irmã possivelmente de milhares delas distribuídas por outros. Não a deitem nos papéis velhos. Mais do que para a família indicada, olhem e importem-se com estes rapazes. Eles têm necessidade de encontrar em nós a mesma generosidade que pretendem. Negar-lha é um perigo. Na idade dos colégios é tão preciso despertar a virtude como o destruir o vício. Aqui deixo pois o meu apelo. Haverá certamente amanhã menos tugúrios, se os colegiais começarem hoje a senti-los. Menos tugúrios ainda, se eles, todos eles, de todos os colégios, sentirem carinho, simpatia e auxílio dos a quem recorrem. A febre destes de Amarante, provém, já, do exemplo da vila; existem ali dez casas habitadas.

Como já é do conhecimento dos senhores, este mês de Janeiro é consagrado à Ilha da Madeira e arquipélago dos Açores. Não se torna necessário ir à América por dólares. Deixem-se os dólares americanos aos americanos. Não há prata como a da casa. Em primeiro lugar e para que haja triunfo, os que são amigos peçam ao Pai Celeste que me dê a palavra. Pela minha parte eu também pedirei às autoridades civis que sejam flexíveis e abram excepções. Diante do homem sem abrigo, não sei que outra lei ou medidas se possam invocar a não ser construir-lhe uma casa onde se meta. Aos mestres de obras hei-de pedir que se não importem de perder dinheiro com estas, que Deus lhes dará para que ganhem noutras. Aos fornecedores de materiais, que ponham as mãos na consciência antes de pesar e medir para as casas do Património. Elas serão o seu melhor cliente. E de uma maneira geral hei-de pedir a todos que não falem de mais nada enquanto eu por lá andar.

Na verdade, de tal forma deixamos cair o Pobre, que agora, só de joelhos. Não há decretos. Não há forças. Não há dinheiros. Não há nada. Só de joelhos. Esta tem de ser hoje a atitude compungida de cada homem que an-

Tribuna de Coimbra

Estamos no dia de Ano Novo. No fim da Santa Missa tomei o café e fui para o escritório tratar da vida. Pouco tempo ali e chega um pequenito dos nossos a dizer que estava um homem mal vestido que trabalha em barro. O pequenito não se enganou. Mandei subir, e aquele homem, novo ainda, conta o fim da sua vida. Tem três filhos pequeninos e lançou ombros a contruir uma

casinha. Como não tinha recursos, nem possibilidade deles para já, lançou mão. Muitos ajudaram. Uns com um pinheiro, outros com cal, outros com alguma coisa em dinheiro, as serrações com madeira e mão de obra. Contruiu e já a habita. Mas deve ainda muito teijolo e várias contas e tem de pedir uma ajuda. Fiquei tão contente que lhe prometi logo que sim. A manhã estava muito fria e ele queixou-se também por causa dos filhinhos que o não aguentam. Repartimos também dos nossos agasalhos e ele retirou-se mais contente e nós mais contentes ficámos.

Deus não nos podia proporcionar melhor começo de ano. Depois da manhã fria veio um sol de inverno aquecedor. Se Deus assim formou as criaturas materiais, muito mais perfeitos criou os seres que além do corpo têm espírito.

Também os nossos amigos dos outros anos, este não nos esqueceram. A senhora de muitas vezes mandou-nos roupas dos seus e cinquenta pela felicidade de seus filhos; uma sua amiga mandou também roupas de senhora e cem; (Continua na segunda página)

AQUI, LISBOA!

Por
PADRE ADRIANO

É possível que esteja ainda na memória de muitos, o desfecho triste da tragédia daquela pobre mãe de cinco filhos que se apagou em cima dum monte de trapos e trastes, enquanto lhe armavam na Curraleira, a barraca desfeita no Vale Escuro. Já seria suficientemente trágica a história se ficasse por aqui. Mas, infelizmente, o pior vem agora.

Como nem sempre a luz do dia chega para as nossas visitas aos Pobres, às vezes, pela calada da noite, vamos também ao encontro dos seus infortúnios. A luz do petróleo faz avultar sombras onde a luz do sol não penetra.

O que mais impressiona no meio da barafunda, é a amálgama de corpos no espaço restrito dum compartimento. A maior parte das vezes não somos nós que descobrimos a miséria: é ela que sobe até nós. São crianças que vêm ao nosso encontro—*venha ver!* Elas têm o pressentimento de que aquilo não está certo.

Foi o que me aconteceu hoje, por três vezes, no decurso duma visita ao Campo de Santa Clara. Triste cenário, por exemplo, o daquela família de oito pessoas estendidas num colchão e por cima dos móveis, em todas as direcções...

O mesmo sangue cala muitos movimentos da natureza, mas não evita muitas desgraças de ordem moral. Pior se se juntam elementos de diferentes famílias.

CALVÁRIO

(Cont. da primeira página)

e pela instrução; quando a verdade é uma: tudo isto resulta, sim, mas tendo por base a *pedra angular* que é Cristo.

E a futura obra de Beire é isto. É isto mesmo e não é mais nada. Para combater aquela escola, só esta Escola. Só esta Universidade. E então sim, então podemos fazer pedidos e até pôr condições, com a certeza de que somos religiosamente escutados. Eu disse àqueles dois pedreiros que no próximo domingo, por ser dia de Ano Novo, desejava que suas mulheres levassem o chale à missa; quem naquele dia tivesse ido à missa a Beire e à missa a S.ta Marinha de Lodares, concerteza havia de ter visto em cada lugar muito povo a ver e a falar de duas mulheres casadas, mães de filhos, que ali apareceram com dois lindos agasalhos, como se fosse em dia de casamento! Não falhemos nós, cristãos, com a prática da Doutrina, que já outros não procurarão impor aos homens uma doutrina.

Mais um paramento verde. Novo, sim, mas não é bem isto que se pretende. Ainda estamos à espera duma colcha verde. Mais 50\$ da Marinha das Ondas. Mais o dobro de Faro. Mais 50\$ de Casal delo. A décima pequenina de sete irmãos vivos e com dez meses, foi vista por sua mãe a dar os primeiros passos no Parque Eduardo VII. Chama-se Maria Madalena; e sua mãe, de contente, lembrou-se do Calvário. Mais 100\$ de A. S. L. Mais 500\$ de Lourenço Marques. Mais 100\$ de Espinho. Mais 300\$ de Lisboa recebidos hoje num aumento do meu ordenado. Os senhores queiram reparar bem na imensa riqueza que anda guardada no coração do homem! Uma senhora que mora na Foz do Douro e que já andou na procissão duas vezes com sua casa em cada uma, vem hoje aqui com 2000\$. Mais 30\$ de Geraz do Lima. Mais 30\$ para o Calvário e diga uma missa por alma duma cancerosa. Que bela associação de ideias! Quantos cancerosos não há-de vir ali a gemer os seus dias enquanto os cientistas indagam. Quantos meu Deus! Isto mesmo me veio ao peito na hora em que assisti à primeira pedra da primeira residência. Mais 50\$ de um sacerdote. Outro tanto da Póvoa. Outro tanto de Beja. 160\$ de Abrantes. 100\$ de Ribeira de Pena. Metade do Porto. E mais nada.

É o caso dos orfãos daquela mãe do Vale Escuro.

Notei na nova barraca, logo à entrada, que havia ali dinheiro estranho. O tuberculoso vestia um fato novo, as camas estavam vestidas de colchas e as mesas de toalhas.

Na vida de esposa nunca apareciam senão farrapos.

Dirigindo-me à filha mais velha, que saía dum compartimento interior, dizia-lhe que devia ocupar o lugar de sua mãe e olhar pelos irmãos mais novos. Nisto a mais pequenita agarra-se à senhora da obra que, com dois pequenos vicentinos me acompanhava, e, debulhada em lágrimas, exclamava: *eu não tenho mãe. A Senhora há-de ser a minha mãe!*

Entretanto guiando o foco da pilha eléctrica para o interior do cubículo, deparei com dois vultos a esconder-se atrás duma arca. Não me enganei: aquele pai caiu no desespero de vender as filhas. Daí o gemido angustiando da criança—eu não tenho mãe!...

Já lá vão tantos dias e ainda aquele—*não tenho mãe*—anda a martelar-me nos ouvidos. Será que Obra da Rua, mãe já de tantos rapazes abandonados, terá de acolher um dia no seu regaço, mais uma legião de filhas de Eva?

Não negamos o mérito, proveniente do espírito de sacrifício e boa vontade de quem orienta tantas obras de amparo a meninas, que há por aí; mas ninguém nos levará a mal se pretendessemos fazer mais e melhor.

Já em tempos aqui foi dito da condição indispensável: a abolição da hedionda chaga da prostituição legal. Mas isso só não basta, para podermos deitar mãos à obra. Infelizmente não é só a facilidade legal e a promiscuidade da barraca que enlameiam as artérias da cidade. Há por aí outras causas veladas que reclamam autos de fé.

A lama não é exclusivo da miséria. Ela anda por aí de mãos dadas com a elegância,—e o que é pior—com o trabalho. É nos salões e solares, e também nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios e repartições, nas ruas e praças. Chega ao ponto de apresentar-se como rainha quem entrou no mundo pela porta de satanaz. E a inocência foge, esconde-se, e, quantas vezes acaba por morrer às mãos criminosas da infâmia.

Podíamos perguntar onde é que se podem encontrar casas de caridade, e cadeias e hospitais para recolher tantas vítimas, se continua a dar-se ao vício a liberdade de expansão de que hoje goza.

Preocupam-se e com razão, os governantes, com o aumento de criminalidade; mas procura-se com igual afã, descobrir e atalhar a raiz do mal? Não há fortaleza que resista, apesar da educação, da vigilância dos pais, da separação dos sexos, dos sacramentos e da oração, enquanto a libertinagem, a volúpia e a indústria do pecado, que as fomenta, andarem à rédea solta. Se até a abominação da desolação predita por Daniel, invade os lugares santos...

Impõe-se uma campanha intensa a favor da inocência, que há-de começar pelo mundo das ideias. Anda por aí muito livro, que não deve esperar pelo fogo do inferno. A natural curiosidade de tantas crianças só vai ali encontrar pasto para envenenamento. A estricnina doseada é remédio eficaz; fora das devidas proporções, é veneno violento.

Nos tempos que correm, sabe-se demais; o que é preciso é esconder. Ainda agora daí saiu uma Assistente Social, que veio pedir abrigo para uma criança de três anos apanhada em flagrante delicto. Sabe-se demais aos três anos, que fará aos dez ou aos vinte.

Se bem intencionados podem causar tantas ruínas, que dizer dos envenenadores das fontes da vida? Maior crime só o daqueles que esperam o embrião para o trucidar antes de nascer. Pobre e indefesa crian-

LONGE DO AMOR DE CRISTO

(Cont. da primeira página)

matança. São da Sagrada Escritura.

Mas os jornais noticiaram outro caso mais desumano, sucedido em Utrecht, na Holanda. É o esquecimento do sentido da vida. Trata-se de pais que deixaram morrer literalmente de fome os seus quatro filhos. Eu julgava que havia tragédias, apenas nos lares pobres, e vim encontrá-las mais pavorosas ainda, entre os que vivem cercados de luxo. O pai era um operário especializado. No lar vivia-se com todo o conforto. Não faltava um luxuoso receptor de televisão, nem uma máquina eléctrica de lavar roupa, último modelo. O pai, e certamente também a mãe, alimentavam-se bem. Todavia uma filha de nove meses encontrava-se num esqueleto, sem esperança de salvação. O filho imediato, com tosse, pesando, apenas, 4,5kg. não tinha praticamente sangue no corpo. Os mais velhos de 3 e 4 anos, foram confiados ao Exército de Salvação.

Se da boca das crianças nos vem o lamento perfeito, também a condenação sem rodeios. *Nós víamos coisas boas, mas eram para o pai.* Espanta como em terras civilizadas e cristãs se possam dar casos desta ordem. *Qual dentre vós, diz o Evangelho, é o pai a quem o filho lhe pediu pão e ele lhe vai dar uma pedra? Ou se lhe pede um peixe e em lugar de peixe lhe dá uma serpente? Ou se pede um ovo lhe dá um escorpião?* É próprio dos pais dar a vida pelos filhos, passar necessidades, para que a eles nada falte. Aqui o contrário. Logo não é pai. Passam eles fome, para que ao desnaturado nada falte. Ser pai é colaborar com Deus, autor da vida.

É assumir responsabilidades, no próprio momento da geração, que só caducam, quando deixar de haver a relação de pai e filho. Querer furtar-se a elas é ser covarde. A vida física do filho, logo no primeiro momento da existência, é coisa sagrada. É uma tênue luz que foi acesa e não se pode apagar. Antes, cumpre alimentá-la, para que se torne cada vez mais viva. Se a vida física é já uma grande responsabilidade para os pais, que dizer da vida espiritual e moral do mesmo? É neste ponto que mais se nota a sua cobardia, demitindo-se das suas responsabilidades.

x x x

A Conferência de S. Vicente de Paulo

P.O. AIRES

Tribuna de Coimbra

(Cont. da primeira página)

um sacerdote muito pobre do seminário (que os há lá) entregou-nos cem para os nossos pobres; do Caramulo um vale de correio 418\$, em cumprimento de um voto; os quinhentos de todos os anos da Auto-Industrial e quatro pneus usados da mesma empresa; cem de uma enfermeira doente de Coimbra. Cinquenta do Restaurante Machado de Lisboa; cem a pedir intenções de missas por alma dos seus mortos das amigas Maria Helena e Maria Isabel e agora duzentos no Porfírio Delgado; roupas usadas de Figueiró dos Vinhos; 60 quilos de bacalhau por ordem da Comissão Reguladora; azeite da «mãe do Zé António» de Coimbra; cem da Sociedade Nacional de Sabões; dois meios de sola e duas peles da Fábrica de Curtumes de Coimbra; figos secos de um armazém de onde gastamos. Um dos primeiros e grandes amigos veio como de costume passar connosco o Natal e trouxe os mimos e quinhentos; outro que há treze anos também vem com a família passar parte desse dia, trouxe a mala cheia; uns fregueses do Pião, não sabemos se de Coimbra, Figueira,

Covilhã, Fundão, Castelo Branco ou Louçã, veio trazer-nos um saco de camisolas e peças de flanela; um pacote de feijão da União Comercial de Coimbra; vinte das migalhinhas dos alunos da 2.a e 4.a classes da Escola do Luso; vinte pelas boas notas da filha, no Porfírio Delgado; laranjas, tangerinas e arroz duma senhora sempre vizinha.

Roupas no Porfírio Delgado. Vinha um fatinho que entregamos ao Salvaterra que é o nosso mais pequenino do lar e que anda a estudar. Era dia de Ano Novo. Se quem o deu visse a alegria dos olhos daquela criança, dava glória a Deus, autor de todo o bem. Cinquenta para os pobres no Porfírio Delgado; cem em vale da Farmácia Normal de Lisboa; duas facturas pagas num armazém de solas e cabedais e um dos sócios entregou-nos cem; quinhentos do Banco de Portugal; uma quantia avultada a pedir a construção de três casas para pobres em memória de um casal já falecido e a pedir intenções suas.

Uma grande peça de flanela duma loja e que muitas vezes nos tem ajudado; uma peça de riscado de um armazém; 750\$ da Confraria da Rainha Santa; cinquenta à mão de umas senhoras.

E o Menino Jesus continuará a mandar as suas prendas.

Padre Horácio

ça que escapa dum perigo e de morte e vai cair numa armadilha posta para ruína da sua inocência!

Ai do mundo que traz as mãos manchadas de tantos crimes.

Padre Adriano

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais um toiro que a gente foi vender à feira e deu 1.050\$. Mais o Desconhecido dos cobertores, que estava em casa e veio abaixo com cinco contos do costume. O dono do armazém de Gaia, onde fomos por eles, também estava em casa e ofereceu uma dúzia de chales. Mais 4 sapatos e 4 meias para o nosso Morris. Fomos buscar isto à praça dos Poveiros, onde informei da promessa que temos de um dos grandes da Mabor. Um empregado telefonou e veio a confirmação; novos vinte mil quilómetros! Covilhã uma peça de fazenda de lã de primeira classe. De Lisboa 400\$. Do mesmo 3.000\$. Em Inharrim metade. Para quem não sabe, isto é em Inhambane. Para quem não sabe ainda, isto é África. Porto 5.000\$. Tete, da caixinha que tenho no escritório, 122\$. Calulo 150\$; estamos em África. Lisboa 1.648\$. Assinante 21.454, 50\$. O Mané manda aqui o dinheiro do seu trono de S. António, 20\$. Porto 6.000\$, dos quais dará a aplicação que melhor entender. Vinte da mesma terra. Cinco contos do Rio de Janeiro. 450\$ de Sá da Bandeira. Cascais 100\$ promessa do meu primeiro ordenado. 100\$ da Foz do Douro. Outra vez Sá da Bandeira com 100\$. Sim Octávia, temos recebido. Mandé quando quiser e puder. Aguda 20\$. Lisboa outro tanto. Nam-pula 50\$. Beira 100\$; estamos em África. Porto 50\$. Alvaizere 500\$. Se vamos ao capítulo encomendas postais, o jornal não chegaria; por isso basta que diga sim senhor a quantos se recordaram de nós na festa do Natal. As de África e da América por causa da distância são as mais apreciadas. Não se diga que longe da vista... Mais 100\$ de Carlos e Aurora. Outro tanto de Lisboa. Ao açoriano digo que sim. Mais

da Foz. Outro tanto de S. Mamede. 5.000\$. 350\$ por alma M. O. F.. 1000\$ do Porto. Duas operárias da fábrica e fição e tecidos do Jacinto andaram em roda dos seus colegas e arranjaram com o seu trabalho e esforço 1.080\$. Foram a Júlia Augusta e a Albina Soares. Aqui lhes damos um viva! Mais 250\$ da Calçada de Arroios, alguém que os depositou no banco e foi-se embora muito caladinho. Tabuaço 50\$. Outro tanto da rua Boa Hora. Lamego 500\$. Mais 330\$ do Porto. Mais 500\$ de Viseu. Outro tanto de Arcozelo. Mais 55\$ de Sangalhos. Mais 250\$ do Congo Belga. 1000\$ de Lisboa. Mais 50\$ da Emília de Lisboa. Mais 20\$ de M. M.. Mais 1000\$ de Lourenço Marques; sim senhor. Vamos cumprir. O Carlos Veloso pagará a renda de seis meses à velhinha *entrevada e sepultada no Barredo*. Mais 1.000\$ de Lisboa. Mais 500\$ da Elvira de Lourenço Marques. Porto 50\$. O dobro do mesmo. Outro tanto do mesmo. 6.000\$ de Lisboa. 50\$ de Gaia. 20\$ do Porto. 50\$ idem. Aquela alentejana que mora no Porto mandou uma peça de flanela e 600\$ que vão ser distribuídos como desejar. Mais 100\$ de Lisboa. 50\$ idem. Mais 1.000\$ de Lourenço Marques. Mais 100\$ da Alda. Mais metade da Maria Vitória. Mais 50\$ da Murto-sa. Lisboa 20\$. Outro tanto da Covilhã. 50\$ de S. Mamede. 300\$ do Seixal. Peças de pano e rolos de cabedal retirados do Espelho da Moda. Mais 1.000\$ de Barcelos. Mais 200\$ de Lourenço Marques. Chegou à província de Moçambique a transmissão da nossa festa do Coliseu e tem feito por lá festas a muita gente... Graças a Deus. Mais 100\$ de Espinho. Outra vez Lourenço Marques com 250\$; é a festa do Coliseu! Mais

250\$ da Natércia de Montepuez; estamos em África. Desde que o Gaiato é Gaiato, começaram de mãos dadas o Aquém mai-lo Além, e nunca mais se afastaram! 100\$ de Lisboa. 500\$ da Maria do Carmo e Francisco. 50\$ do Porto. Mais 60\$ *produto do primeiro dinheiro que ganhei numa máquina de costura*. Isto é o Porto e não digo mais nada. 100\$ da Senhora da Hora. De José Leitão, de Luanda, sim senhor. Mais 1000\$ deixados no Lar do Porto. 500\$ do Porto. 393\$90 do Porto. 300\$ dos corretores do Porto. Uma firma da rua da Prelada foi ao Banco depositar 300\$ e desandou pela porta fora sem dar cavaco. Dois fardos de bacalhau da Comissão dele. Mais 1100\$ da Figueira da Foz. Pedem-se na carta para que se não dê menos de cem a cada pobre, pois menos não lhe chegará. Mais se diz na dita carta: *sinto-me muito feliz no dia de Natal, por saber que em alguns lares pobres há um pouco de pão que foi produto do meu trabalho*. Eis aqui a verdadeira felicidade. Mais 750\$ de uma alma *agradecida*. Mais isto: *de uma mãe que necessita de uma grande ajuda de Deus, para levar a sua cruz, porque é doente e os meios escassos*. São 100\$. Ela manda esta quantia e faz-nos estremecer! Ficamos humedecidos ao ver esta mãe doente a subir as caleiras da vida como peso da sua cruz e os meios escassos. Contudo ela encontra que dar. Dá do que precisa. Assim se ergue o mundo!

Mais 50\$. Golegã 900\$. O José Pimenta Teles que foi da nossa obra e hoje está em S. Paulo, manda-nos 1.000\$; *graças a Deus já estou em melhores condições e por isso mando mais*. O ano passado mandou metade. Eu não chegarei a ver porque o tempo limita a duração da nossa vida; não chegarei. Mas os meus continuadores hão-de vir a receber grandes ajudas em tempos que delas necessitem, oferecidas por alguns destes rapazes que vieram conhecer e saborear comida feita ao lume e cama limpa pela primeira vez em suas vidas. Isto vai ser assim. Mais 150\$ do Restelo. Lisboa 100\$. Mais 1.000\$ da Baía. Mais 500\$ dos pilotos da barra do Douro. 400\$ de Lisboa. 100\$ da Foz. Mais 500\$ da firma Emílio de Azevedo Campos, Porto. Não contentes com o oferecimento de óculos aos nossos que deles necessitam, o sócio gerente pega numa nota manda e acabou! 2.000\$ do Porto. Ora leiam a dedicatória: *A Casa do Gaiato e a quantos têm tornado possível a Casa do Gaiato*. Isto é Porto! Mais 50\$. Mais 500\$ da Figueira. Mais 20\$ de Fernando Botelho, de seis anos de idade. A carta é feita dos seus interessantes rabiscos. Valeria a pena guardá-la para lhe dar mais tarde. O recordação das recordações! Mais 20\$ da Albina. 300\$ da Mealhada. 20\$ de Gaia. Mais 500\$ da Beira, África. Mais 100\$ de Vila João Belo; estamos em África. O filho Helder que assina o jornal e é aluno no Colégio Marcellino Mesquita no Cartaxo, é que empurrou o pai e ele não se faz rogado nem esperado. Mais 20\$ de Famalicão. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 500\$ de Tomar. Mais 100\$ de Mesão Frio. Mais 1000\$ de Avanca. Mais 300\$ da Beira, África. Mais 100\$ da guarnição do navio «Baldaque da Silva». Mais metade de Lisboa. Mais 20\$ do Porto.

Lisboa 200\$. Os funcionários da Caixa Sindical Textil 950\$. Os do Centro de Psiquiatria da zona norte 350\$. O Casal Feliz 100\$. Matozinhos outro tanto. Porto 500\$. Esta letra deste senhor tem sido há muitos anos portadora de boas notícias; e eu não sei de quem se trata! Outra vez o Porto 200\$. Metade também Porto. Idem 23\$. Fardos de bacalhau. Uma grande remessa de retalhos. Nós gostamos e precisamos de peças, sim, mas os retalhos são o nosso amor. Condizem com a obra. Vestimos de pobreza os nossos pequeninos. Mais uma pequenina peça de fazenda de uma fábrica, que começou este ano, digo, Agosto de 55. Mais de Lisboa uma dúzia de magníficas peças de roupa de agasalho. Muitas peças de flanela. Outras roupas novas. Uma ca-

UMA ORGANIZAÇÃO

De todas quantas existem na engrenagem das nossas casas nenhuma tão perfeita como a dos cicrones de Paço de Sousa a qual o *Manel Coco* é o responsável. Notem os senhores que o dia 31 de Dezembro não tinha terminado e já ele, Manel, acabava de fazer entrega dos seus trabalhos! Ora queiram ler. Os nomes, são de pessoas que recebem dinheiro de visitantes e entregam. Notem mais como o senhor Padre Carlos vai ao pé do *Girafa* e eu meio do *Toupeira* e do *Relhas*. Nós somos assim.

Rendimento de cada um durante todo o ano de 1955

Macaco	606
Bombeiro	1.117
Braga	341
Venda de jornais	669
Acréscimos	99
Conferência do Lar do Porto.....	454
» de Paço de Sousa.....	684
Zé do Porto.....	13.394
Peiroteu	1.385
Zéquita	285
Caetano	953
Padre Carlos	4.110
Girafa	163
Para mandar celebrar missas.....	600
Faisca	262
Alcino	923
Gatito	974
Pagamento de assinaturas antigas ...	10.181
Pagamento de assinaturas novas.....	990
Livros «O BARREDO».....	980
Jaimito	6.545
Banana	878
Pagamento do livro «VIAGENS».....	240
Marmelo	1.474
Peixeira	455
Ramada	763
Toupeira	161
Pai Américo	45.219
Relhas	772
Ratinho	197
«Património dos Pobres»	1.210
Guilhuze	537
Cocas	232
Diversos	892
Miguel	268
Pagamento do livro «O OVO DE COLOMBO»	10
Macaquito	259
Cândido Pereira	195
Postais	3.465
Ofertas na Caixa.....	12.214

115.168

Chefe — Manuel dos Santos (Coco)

PATRIMÓNIO DOS POBRES (Cont. da página anterior)

da de pé, na presença daquele outro homem que assim temos deixado cair; e eles são milhões! Peçam sim ao Pai Celeste que ponha nos meus lábios a sua palavra!

x x x

Os vicentinos da Murtosa entregaram casas. Os vicentinos de Águas Santas entregaram casas. Se não todos os dias, todos os domingos é certo dar-se uma entrega e mais em qualquer parte do país. Todos alegrem, mas ninguém como eu!

pa alentejana. Mais esta promessa: «O primeiro mês em que o meu orçamento doméstico tiver acréscimos, estes serão para Casa do Gaiato.»

Chegou o dia e vieram 100\$. Que dinheiro! Que dar! E disse.

Um bocadinho de história: Foi há 2 anos que comeci em Coimbra e publicava no semanário *Correio de Coimbra* as coisas que me davam. Recordo-me que no primeiro Natal foram 7 contos em dinheiro. O meu prelado chamou-me. Não acreditava no que tinha lido. Quis saber como foi aquilo e o que tinha eu feito ao dinheiro. Respondi tranquilo. Muitos poderão fazer a mesma pergunta. A resposta é tranquila. Então quê? No princípio precisamos de pouco e vinha pouco. Hoje precisamos de mais e vem mais. Se amanhã aumentarmos as despesas, aumentam naturalmente as receitas. Estas são as contas.

AGORA

Uma Maria do Porto vai com a sua prestação mensal de 100\$. O Abílio Botelho da cidade da Beira, torna aqui com os 100\$ da praxe. Se não estou em erro, o Abílio é do Porto e trabalha nos guindastes do porto da Beira. Ali trabalha-se dia e noite. Vão aqui os soldados da G.N.R. do posto de Nisa com 235\$30. Américo de Espinho leva 100\$. E agora temos a cidade de Londres; uma Senhora que não põe o nome, manda uma libra em valor declarado. Deixem passar alguém do Porto com 500\$ na mão. Também aqui vai a 4.ª prestação da casa que devo aos pobres. Trata-se duma dívida voluntária que a si mesma quis constituir uma amiga nossa que reside em Tete. São mil escudos de cada vez. Não leva muito que não termine a sua dívida. Deus a ajude. Ao lado vai a Rua de S. to Ildefonso com 400\$. Ao pé vão 50\$ que a Rosa Leite oferece; ela é do Porto. Lisboa vai ao lado com 200\$ do Maurício.

Mais 100\$ do Porto. Mais os empregados da Chenop com 1.420\$. Lisboa 100\$ do António. Aqui temos o Alberto com 100\$ do seu *Plano Decenal*. Ele está resolvido a viver 10 anos até que a sua casa esteja feita. Lisboa manda duas telhas de 100\$ cada uma; é o Fernando. O pessoal da H.I.C.A. leva aqui o dinheirinho de Dezembro 1953\$70. Outras duas telhas de 100\$ cada uma. Os *Quatro Irmãos* tornam com 200\$. Vai aqui alguém de S. Mamede de Infesta a dizer que tem andado às voltas com uma cooperativa que trata de construções de casas e que agora a máquina emperrou e que lhe parece ter assim acontecido em virtude de não ter ainda respondido ao Património dos Pobres pelo que faz remessa duma quantia de dinheiro. Muito bem. Acho muito bem. E digo aqui a todos que trazem negócios entre mãos, que se a coisa vier a emperrar, já sabem o que têm a fazer...

Mais um licenciado de Marinha das Ondas com 50\$. Ontem veio o *Guilhuze* dizer-me que estavam ali fora duas senhoras que me queriam falar. Fui. Eram três.

Uma delas abre conversa e diz que já tem cá vindo mais vezes, mas a irmã nunca. Agora é a vez desta. Abre uma bolsa de mão e enquanto de lá retira um objecto, vai balbuciando: *trago aqui uma coisinha para lhe dar*. Tomei conta. Despedimo-nos. A coisinha é isto:

«Somos duas irmãs amigas dessa grande Obra, não somos ricas mas Deus tem-nos ajudado, para vivermos com certo conforto, vivemos numa casinha que é nossa; resolvemos juntar 12.000 escudos para uma casa do Património dos Pobres. Sufragando a alma dos nossos queridos Pais. Duas irmãs»

Note-se aquele *Resolvemos juntar*. Primeiramente temos o verbo no plural. Decidiram-se as duas. Quão amigas não são! Quão bela não é esta amizade! Depois vamos ao verbo *juntar*, de onde naturalmente se infere que não foram à Caixa ou ao Banco. Não foram. A dúzia de contos significa um trabalho aturado, feito de retalhos e de nadinhas, quem sabe se de sacrifícios, concerteza de algumas privações. E aqui deixamos cumprimentos respeitosa às Duas Irmãs. Mais 50\$. Mais 100\$. Queiram agora arrumar-se que vão passar os funcionários dos C.T.T. do Porto com o dinheiro de Dezembro 652\$. Mais espaço por favor. Muito espaço que vai passar o Liceu D. Filipa de Lencastre com o resto da sua casa, 9.645\$. Duzentos do Porto. Mais 50\$. Mais 20\$ de Pombal. Mais uma casa de Micaúne. Quem está no Chinde chama a Micaúne a outra banda tal como ainda hoje se diz em Lisboa quando se atravessa o Tejo. O Luís Gil é o homem responsável por esta casa e pretende dar-lhe o nome de *Casa de Micaúne*, e dá a razão: *Um dia os daqueles que contribuíram para ela, podem ir vê-la se forem gozar férias a Portugal*. Muito bem. Depois direi ao Gil.

Por remate da Procissão vai um *pobre pecador* com a última prestação de 4.000\$. Vai chamar-se *Casa de S. Sebastião*. Depois direi aonde.

recebido (chales). vibrar na fazer uma das almas aoar e os os. Setúbal to. Peço a e todos os ossa gene-batendo à ainda ex-endo 110\$ as despesas re um dos gará para rte. Ainda elicito co-ctiva, de dignifican-ente crista: cristão. i. é, outros ou carica-m era cris-mente com \$ para ser dição. Ha-ido à obra. Há tanto has... De dade. Que-giosas. De Tenho um sejava um ue amor o um mais 60\$ para es vai ver em dos 60. e um dos os médios. minos. Um padrinho Em «In-ma mãe de dívida de s. Alguém tia. Que o dade. P.º AIRES

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: Madalena Barros, 50\$00 por alma de meus saudosos Pais. Deolinda Machado, igual quantia. Dr. Américo Santos, idem. Ernesto Ferreira, 20\$00. José Maria Pinto, metade. Mário José Ferreira, 20\$00. Com o pedido de orações pelas almas da Julieta e Maria Rosa, 50\$00. Dr. Joaquim Belo, 200\$00. Erna Casaes, 50\$00 num vale de correio. De Aveiro, assinante 12.751, 10\$00. Faustino Noémia, o dobro, e vem de Lourenço Marques, a Princesa Africana. De M. C. S. R., 50\$00 e peço desculpa de ser pouco mas não me é possível mandar mais. Que ofertas! Aires Mourinho, de Angola, 50\$00. E mais Angola: Rosa Serrano, 20\$00. Da Rua dos Fanqueiros, Lisboa, 300\$00, sem que isto seja preciso vir no jornal, ao que o nosso Pai Américo acrescentou: é Maria Adelaide, 20\$00, para os Pobres da Conferência da Aldeia para assim compensar o meu atraso e para que ele me seja perdoado. Não temos palavras para acrescentar a esta legenda: só um muito obrigado, do oração. Assinante 8.349, a mesma quantia. Da assinante 25.205, idem. Caldas, 50\$ para os pobres da Vossa Conferência. Mané Martins, 50\$00 e 10\$00 de Um Operário de S. Mamede de Infesta. Rosa Novais, 100\$00. Para o Natal dum pobre da Conferência, 10\$ de Figueira de Castelo Rodrigo. Para os pobres da conferência da Casa do Gaiato, 10\$00 dum Mãe, é muito pouquinho mas é para dar um pouquinho a todos que infelizmente são muitos. Só de joelhos e mãos postas. Só assim compreendemos estas grandezas. E mais 10\$00, agora de Ermezinde. Metade do assinante 13.867. Manuel Carvalho, Porto, 100\$00. Padre Ricardo Neto: Obrigados pelos 10\$00. Que Deus lhe pague e o ajude. Abençoado povo de Mosteiró! M. Rebelo da Silva:

«A pedido de uma pessoa amiga, junto remeto a V. a quantia de 200\$00 que se destina à conferência da vossa aldeia.»

Assinante 24423, do Porto, 20\$00.

«Envio também 40\$00, das minhas quotas de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 1955, para a Conferência de S. Vicente de Paulo. Peço desculpa da demora. A culpa foi da N.ª S.ª das Dificuldades... O que nos valeu foi o Menino Jesus ser amigo...»

Bébé n.º 3.»

J. M., de Lisboa, 100\$00 para o Natal dos pobres. Mais 134\$60, do Porto. Chegou a vez do nosso prezado amigo e Sr. Juliano Ribeiro. Aqui vai, junto da multidão, a render graças a Deus, com 20\$00. Que a Providência alivie os seus padecimentos. Assinante 25.209, 20\$00. Dr. Agostinho Moutinho, 20\$00. Saudades ao povo de Cabeceiras! E outra carta: «Não querendo faltar à minha promessa, junto remeto 50\$00 que serão destinados a tornar mais suave a Noite de Natal de um ou mais pobres da Conferência.»

Estas cartas obrigam. Obrigam, sim, a aperfeiçoar-nos para merecer de Deus a confiança que em nós deposita. Laura Costa, do Porto, 20\$00. Cucujães, 90\$00. Um anónimo, de Gaia, 200\$00. Atenção África: assinante 29.135, de Nova Lisboa, 70\$00. Canidelo não quer faltar e apresenta-se com 20\$00. Mais África: assinante 28.938, de Sá da Bandeira, 40\$00. Dr. Alexandre Nápoles Machado, 50\$00. E, por favor, atenção a mais outra carta: «Mesmo aqui vossa vizinha, aí vão os 50\$00 de Dezembro para a Conferência. Não pode ser mais mas é de boa mente como se diz na minha terra.»

Mário Delgado, nosso amigo, 50\$00. Assinante 4292, do Rio de Janeiro, igual quantia. Narciso Pinto Loureiro, o triplo. Temos aqui Alguém a dizer que «não vale a pena acusar a recepção em postal basta dizer na secção da Conferência: recebido

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

—O Natal nesta casa foi muito alegre. Toda a malta daqui, do Lar do Porto e muitos dos irmãos que já estão fora.

Fizeram-se presépios em todas as casas. O Sr. Padre Carlos prometeu premiar o melhor. O ano passado, foi a Casa Três a vencedora. Vamos a ver este.

Ao jantar do dia 24 era um gosto ver o refectório cheio. Alegria e satisfação resplandeciam em todos os rostos. Todos riam, cantavam e o Pai Américo então nem se fala. Não faltavam as rabanadas, filhós, aletria. A caldeirada estava uma delícia. Depois os pequenos com suas trocas, faziam uma festança. Houve deles que meteram rahanadas ao bolso, delas e filhós nos armários, debaixo dos travesseiros. Numa palavra: Isto é a Casa do Gaiato.

Daqui fomos para o Salão de Festas, para assistir ao espectáculo organizado pelo Grupo Cénico do qual destacamos: O drama em três actos «O Filho Pródigo» e o «Auto dos Pastores Brutos» nos quais intervieram: no Filho Pródigo: D. João: Augusto Barroso—Rui: A. Reis (o Sousa)—Abade da aldeia: Daniel Silva—João Timóteo: António Machado—Vasco de Noronha: Cândido Pereira—Paulo: António Neto—Carriga: Alberto Ramada. No Auto dos Pastores Brutos colaboraram os mesmos, Sejaquim e o Grupo Coral.

—Dia dois de Janeiro. Santíssimo Nome de Jesus, a Quem nossa obra está consagrada. Nesse dia foi feriado. Começamos como sempre começamos na nossa aldeia festas deste carácter, participamos na Santa Missa. Celebrante foi o Pai Américo que ao Evangelho nos comunicou duas palavrinhas de vida, que nós, seus filhos adoptivos, guardaremos pela vida fora. Lembrou-nos e fez um apelo à nossa gratidão, das nossas obrigações para com a obra e para com Deus.

Acabado este acto fomos para o refectório. Depois fomos todos dar um passeio até à nossa casa de Beire. Manhã fria, como é são todas as manhãs de Dezembro, neveiro e nós ao caminho.

Em Cête estava o Senhor Alberto, nosso grande amigo do Seminário dos Olivais, que tinha chegado no «correio» das nove e meia. Veio dar cumprimentos ao Senhor Padre Carlos e todos metemos pé ao caminho.

Logo de começo, a malta começou a reinar com o nosso amigo, que calçava umas botas à «esguinfa».

Continuamos nossa viagem sempre com muita satisfação. Ora quem custava mais a andar, os mais fraquitos, eram o Senhor Padre Carlos e o Senhor Alberto...

Como era mais económico fomos até Paredes, a linda vila, verdadeiro jardim que enfeita este nosso Douro Litoral, por atalhos. Passa gente. Muita gente. Havia feira na vila. Vinham uns homenzinhos com uma junta de bois

e o Cândido Pereira mais o seu grupinho tentaram entrar com eles: *Aposto que estes bois valem vinte notas! Estão muito gordos e se calhar vão para a feira!* Mas a verdade é que eles não foram no paleio, não se deixaram levar...

Passa um homenzinho e alguém pergunta com ar irónico: *Vão dia. Fazia o favor dizia-me: —É para aqui que fica Cernancelhe?*

—*Não sei. Faça o favor de consultar a tabuleta que aí está adiante!*

Muito bem. Se fossem todos assim não havia reinadores. Este nosso amigo até merecia uma taça!

Sempre em andamento e a falar-se em futebol e outros desportos. Cada qual relata à sua maneira e como sabe, mas todos dizem. Até os pequenos querem meter a mão ao prato. Mas a verdade é que o conseqüem. Basta dar-lhes tempo. Ali está um homem a roçar mato:

—Ora viva o nosso amigo!

—Como está? Passou bem?

—Sabe uma coisa?

—Ora diga lá!

—Este senhor, e aponto para o Senhor Alberto, traz umas botas novas. Todo a gente se riu e o nosso amigo também. Ao primeiro ainda afinava, mas como via que de nada lhe valia, para o fim também já se divertia...

Quando chegamos à Casa do Gaiato de Beire, já lá se encontravam alguns que tinham ido na furgoneta, juntamente com os panelões, batatas e bacalhau. Começou por se juntar duas grandes pedras, assentados em cima das mesmas, os panelões. Depois braçados de erguício, cavacos, rama de pinheiro, cada qual com sua tronchuda, toca de chegar o fogo. Vê-se uns a descascar batatas, outros a arranjar tronchuda, cebolas e ainda outros a meter para o panelão. Cândido Pereira, Bonifácio, Senhor Alberto, Russo, de avental, tratavam dos panelões e o Senhor Padre Carlos metia lenha para a frente. Vi mais alguns de avental, mas não os vi fazer nada...

Esquecemo-nos do teste do panelão e por isso, entravam lá para dentro ciscos e poeira. As batatas de cima até estavam pretas. Não faz mal. Não faz mal nenhum. Isso são vitaminas T(terra), dizia uma grande parte deles.

Chegou a hora do almoço. Cada um, com seu prato em punho, espera que os «refeitores» o sirvam. Cada qual descasca as suas batatas, vem o molho e toca a comer. Que delícia! Que saborosos pratos, compostos de batatas, bacalhau e tronchuda. *Sepadre Carlos*, não parava um só instante sequer, mas quando tudo estava servido lá estava também a bater-se com uma valente pratada... Senhor Alberto, sentado numa pedra, uma panela à sua frente, o prato de alumínio em cima, garfo dos fritos em punho e toca a fazer como os outros!

Foi uma grande consoladela. Tante que uma grande parte nem jantou.

Depois de nos termos despedido da senhora e cumprimentado os colegas que lá ficaram, pusemo-nos a caminho. Pelo mesmo fora a cantar, quando mal demos por isso, já estávamos em Pa-

redes. Demos uma volta pela feira e fomos até ao campo do União local, fizemos um renhido de safio de futebol.

Este acabado, com alguns já coxos das caneladas, lá fomos a caminho de Paço de Sousa, onde rezamos o nosso terço.

Assim terminou mais uma festa de aniversário da nossa obra. Vou terminar, ficando a pedir pelos nossos amigos, muito mais pelos inimigos, para que as benções de Jesus continuem a derramar-se sobre todos.

Que o Santíssimo Nome de Jesus seja louvado agora e sempre, para todos ganharem.

Com os mais sinceros cumprimentos do amigo certo, sempre ao dispor,

DANIEL BORGES DA SILVA

MIRANDA DO CORVO

Natal! Basta esta palavra simples, com cinco letras apenas, para nos fazer vibrar de alegria. Ao ouvirmos esta palavra, logo o nosso pensamento nos foge como por encanto, para longe, e nos lembra que nasceu o Salvador.

Este ano o Natal foi para nós de redobrada alegria. Primeiro, porque foi também a inauguração da torre do sino da nossa capela. Segundo porque tivemos quase todo o dia junto de nós, compartilhando das nossas alegrias o nosso Pai Américo. Este ano não tivemos missa do galo. De manhã o Sr. Padre Horácio procedeu à inauguração do sino. Enquanto ele o fazia voltar nós fazíamos barulho e os foguetes no ar estrelavam. Em seguida o Sr. Padre Horácio celebrou as três missas do Natal e nós fomos assistir a uma delas. As onze horas chegou o Pai Américo acompanhado de três colegas nossos de Paço de Sousa. Foi recebido com muitos foguetes e toque de sino. Dirigiu-se logo para a capela onde celebrou a Santa Missa. A capela estava completamente cheia. Todos a máxima atenção e respeito iam cantando e rezando ao Verbo que se fez homem. Chegado à altura própria, Pai Américo disse-nos algumas palavras que nos deixaram a nós e a toda a gente maravilhados pelo seu modo tão simples mas tão eficaz de nos dizer as coisas. A altura da comunhão todos comungamos e agradecemos ao Senhor, que não contente de se ter unido à nossa pobre natureza se incarna nos nossos corpos e nas nossas almas.

A noite houve no nosso salão de festas um pouco de teatro a que assistiu o Pai Américo. No fim houve cinema com a nossa máquina. Toda a gente ficou contente e acho que não deram por mal empregado o seu tempo. E assim terminou mais este Natal.

Para mais dignamente se celebrar o Natal e a inauguração do sino e da torre, houve nos três dias antes, pregação pelo Sr. Padre João Evangelista. Antes de ir para a capela onde pregava a toda a gente, tinha sempre uma conversazinha conosco. No primeiro dia contou-nos a história do filme *Marcelino, pão e vinho*.

Dizia-nos ele que o Marcelino andava sempre com o Manuel. E exortou-nos a que andássemos sempre com o Emanuel que quer dizer «Deus conosco» e teríamos certa a nossa salvação. No segundo dia falou-nos da virtude da pureza. Contou-nos a história de Santa Lúcia. Por ela ser pura Deus guardava-a e empregaram muitos meios para a matar, mas nenhum sortia efeito, porque Deus estava com ela. Só no fim de o rei ver que nenhum modo dava efeito, é que a mandou decepar e a mataram. Se nós formos sempre puros nenhum mal nos acontecerá e salvar-nos-emos. Esta gente dos arredores soube compreender o bem que lucraria indo à pregação e por isso a capela estava cheia. Dizia o Sr. Padre Evangelista que se fossemos simples como os pastores, puros e castos como S. José, nós seríamos melhores e o mundo seria outro.

E agora quero fazer-vos um pedidito. Vou fazer anos muito brevemente e queria lembrar aos leitores para se não esquecerem de mim com alguma prenda. Eu cá fico à espera e deixo já aqui os meus agradecimentos porque sempre espero alguma coisa.

José Roque Crisanto

SETÚBAL

Estimados leitores, é pela primeira vez que vos falo desta casa, visto a ausência do Eduardo, que regressou a Paço de Sousa.

Vieram cá passar o Natal conosco os nossos irmãos de Alcácer, e como ainda não é a época da resina, não regressaram já, e estão a trabalhar conosco, preparando o terreno para o arroz. Trazeremos um trator a fazer a lavra, mas é alugado e fica-nos muito caro, visto serem 100\$00 cada hora. Se alguém nos quiser oferecer um, era uma grande esmola, porque a nossa quinta é maior do que qualquer uma das outras. Nós já somos 42 nesta e no Lar de Alcácer são 23. Dos fundadores que vieram de Paço de Sousa já se foram todos embora, e os do Tojal vão pelo mesmo caminho. Só cá estou eu (chefe da casa) e o Fraga tratador das vacas, que viemos de Miranda.

A veída do Famoso aqui em Setúbal é muito fraca, devido ainda não conhecerem bem a nossa Obra. Pedimos aos nossos amigos de Setúbal que animem um pouco, e façam propaganda da nossa Casa. A maior parte dos nossos rapazes, são de Setúbal e por isso são os setubalenses que nos devem ajudar.

Júlio Lopes Rodrigues

NOTA DA QUINZENA

A primeira visita de 1956, ao romper do dia, foi a repetição de uma idêntica o ano passado; hora, motivo, intenção, tudo. Trata-se de Alguém que deseja pagar todos os anos a sua contribuição do *Património dos Pobres*, até chegarmos aos tempos da saturação. E como o caso é sério e de grande valor social, o Marido fez-se acompanhar da Esposa, tal como Janeiro passado, e ambos quiseram participar do nosso café, tendo assistido igualmente à missa da comunidade. Espera-se que tal como estes Dois, venham outros, muitos mais, a com-

da assinante 12.032.» Aqui está. Sr. Raúl Bártolo, desculpe. Reservamos para fechar, a sua carta. Ei-la:

«Comentando com um amigo o caso da moeda de 10 escudos, que passou incógnita as águas do mar, ele me disse que há alguns anos tinha uma cédula de 20 escudos e me encarregou de lhe dar o melhor destino que ela poderia ter, o que faço com todo o prazer enviando-a para a Conferência da Aldeia.»

E nós com igual prazer a recebemos.

Chegou o momento de terminar. Não podemos deixar de começar o ano da graça de 1956, sem saudar, cordealmente, todos os nossos simpáticos amigos e benfeitores. A todos, que Deus lhes ofereça um Novo Ano cheio das maiores benções celestes.

JÚLIO MENDES

prender e a praticar. O actual e crescente movimento, não pode ser tratado por um caso chocante, ou ainda uma *Obra de Coação*, como alguns têm posto e querem que seja; não pode. Tem de ser acima de tudo uma obra de inteligência. Ora façam o obséquio de ler parte de um artigo publicado em o *Diário de Notícias*, no derradeiro dia do ano passado:

«Cada uma dessas portas não dá para uma casa—conduz a um corredor longo, sinuoso, irradiante. E para esse corredor se abrem outras portas. E cada porta é a habitação de uma família. Em 6 metros quadrados vivem 12 pessoas, cozinha-se, come-se, arrecada-se o trajo e os víveres. São famílias inteiras: marido, mulher e 10 filhos! Alguns são já homens e mulheres e há-os de todas as idades. Num leito dormem cinco irmãos dos 6 aos 17 anos! O que significa este facto? E sabem quantas pessoas vivem nas «ilhas» do Porto? Nada menos do que um quinto da população de toda a cidade.»

O jornalista andou por lá. Não fez estílo. Disse a verdade.

Ora é isto precisamente que importa:—a verdade. Esta verdade. Sendo imutável como é, contudo, tem as suas épocas. Hoje é *O Social*. A Guerra Universal é isto mesmo. Tudo quanto hoje aflige o mundo das nações, é isto. Sejamos, pois, inteligentes.